

**PERSPECTIVAS E CAMINHOS PARA O USO DOS MÉTODOS DE  
ETNOGRAFIA E HISTÓRIA ORAL NAS PESQUISAS SOBRE GESTÃO DO  
ENSINO SUPERIOR**

*PERSPECTIVES OF THE METHODS OF ETHNOGRAPHY AND ORAL HISTORY IN THE  
RESEARCH ON HIGHER EDUCATION MANAGEMENT*

Luísa Karam de **MATTOS**  
Universidade Federal de Santa Catarina  
luisakmattos@gmail.com

Leonardo **FLACH**  
Pós-doutor pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT/EUA). Professor do  
Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal de Santa  
Catarina  
leonardo.flach@ufsc.br

Artigo recebido em 12/2017 – Aprovado em 06/2018

**Resumo**

O presente estudo tem por objetivo dissertar sobre as possibilidades de aplicações dos métodos de História Oral e Etnografia para pesquisas sobre Gestão do Ensino Superior. Com o aumento da pesquisa qualitativa nos estudos científicos em Administração, é abordada a utilização dessas metodologias na área de Gestão do Ensino Superior. Para isso, é realizada uma revisão teórica acerca dos métodos, e feito um levantamento a respeito da utilização desses em artigos com a temática Ensino Superior. O resultado demonstra que tanto a História Oral, quanto a Etnografia, possuem uma representatividade baixa nos estudos dessa temática, que ainda faz grande uso do método de Estudo de Caso. Assim, este estudo apresenta possibilidades de aplicação desses métodos para pesquisas da área, e sugere caminhos a serem aplicados em futuros estudos.

**Palavras-chave:** História Oral. Etnografia. Ensino Superior. Gestão Universitária. Métodos Qualitativos.

<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea>

**ABSTRACT**

*This study aims to discuss the possibilities of applications of Oral History and Ethnography methods for research on Higher Education Management. With the increase of the qualitative research in the scientific studies in Administration, this study approach the use of these methods in the area of Management of Higher Education. During the research method, we collected and analyzed the publications about oral history and ethnography. We analyzed all international articles published in the Web of Science and Scopus databases, in the period between 2013 and 2017, related to the topic of higher education management. The research is based on a theoretical review about the methods, and a survey about the use of the methods in high impact articles with the subject of Higher Education. The result shows that both Oral History and Ethnography still have a low representation in the studies of this subject, which still makes great use of the Case Study method. Thus, this study presents possibilities and perspectives for application of these methods for research in the area, and suggests ways to apply the methods in future studies.*

**KEYWORDS:** *Oral History. Ethnography. Higher education. University Management. Qualitative Methods.*

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa, apesar de ter sido utilizada com regularidade por antropólogos e sociólogos, só começou a ganhar espaço na área da Administração, a partir da década de 1970 (GODOY, 1995). Atualmente observa-se uma inversão desse cenário, com a valorização de estudos de cunho mais qualitativo, com enfoque dos pesquisadores da área, principalmente em disciplinas das ciências humanas e sociais (ICHIKAWA; SANTOS, 2006). Este crescimento é positivo e justifica-se pelo fato de os pesquisadores da área considerarem mais incisivamente o caráter multidisciplinar da administração como uma ciência social aplicada, que utiliza diversas fontes epistemológicas, tais como Sociologia, Antropologia, Economia e Política Social (GOMES; SANTANA, 2010).

Dentro do campo das pesquisas qualitativas, há diversas abordagens de investigação que o pesquisador pode escolher para atingir os objetivos: a pesquisa narrativa, a fenomenologia, a etnografia, história oral, estudos de caso, multicaseos, etc. Ao optar por uma delas, o estudo torna-se mais sofisticado e mais específico, facilitando assim, o acesso para que os críticos possam avaliá-lo apropriadamente (CRESWELL, 2014). No campo científico da Administração, a abordagem de estudo de caso é bastante utilizada, assim como a utilização de comparação de casos, o chamado estudo multicaseos.

Em vista do aumento do desenvolvimento de pesquisas qualitativas frente às pesquisas quantitativas, e com alguns métodos ainda pouco disseminados no campo da Administração, neste artigo será realizado um aprofundamento do estudo do método de História Oral e de Etnografia. Isto se justifica principalmente por serem métodos ainda bastante vinculados às ciências sociais, como Antropologia e a Sociologia.

A História Oral é “uma história do tempo presente, pois implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado” (ICHIKAWA; SANTOS, 2003, p. 2). Ela é compreendida como um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si no registro de narrativas da experiência humana, está relacionada a minorias, e privilegia a voz destas. Ela se apresenta como um outro olhar, porque permite ouvir os personagens que vivenciaram determinado fato, oferece uma contrapartida à história oficial, capta experiências pessoais e mantém um compromisso com o contexto social (ICHIKAWA; SANTOS, 2006). É a história que não consta nos livros e documentos oficiais. Trata-se da visão de personagens ocultos, que participaram do evento, e que dão a sua versão dos fatos.

Meihsy (1996) divide a história oral em três modalidades: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Meihsy e Holanda (2007) denominaram de história oral de vida as narrativas decorrentes da memória, e que formam um corpo original e diferente daqueles documentos convencionais úteis à história. O sujeito entrevistado tem autonomia para dissertar à vontade, conforme as lembranças vêm à sua mente. O pesquisador se coloca como ouvinte, e toma nota de todas as emoções (faladas ou demonstradas) pelo pesquisado. Em contrapartida, na história oral temática, busca-se a opinião ou conhecimento do entrevistado, a respeito de um

assunto específico. Sua visão de mundo, que não incide sobre determinado evento, é descartada, pois não influencia o resultado final. Por fim, na tradição oral, o foco está em comunidades cujos valores estão centrados em tradições que fazem referência a um passado remoto, e se manifestam através do folclore e da transmissão de geração em geração. Como o nome diz, está focada na tradição de determinado grupo. De maneira geral, a História Oral dirige seu foco especialmente para a experiência pessoal do entrevistado, enfatizando sobremaneira seus processos subjetivos e suas identidades (ATAÍDE, 2006).

A grande potencialidade da história oral, segundo Freitas (2002), é que ela permite a integração com outras fontes, a confrontação de fontes escritas e orais e sua utilização multidisciplinar. Sendo multidisciplinar, é de utilidade para a Administração, que tem em sua origem tantos outros campos de estudo social.

Já a Etnografia é uma abordagem de pesquisa desenvolvida no campo da antropologia, para gerar conhecimento em relação a grupos de pessoas. Até o início do século XX, os antropólogos produziam suas reflexões teóricas a partir das observações de outras sociedades/culturas empreendidas por viajantes e missionários – ou seja, refletiam com base nos relatos de terceiros. Bronislaw Malinowski rompe com esta chamada antropologia de gabinete, propondo a fusão do teórico e o observador. Assim, surgiu a Etnografia, hoje utilizada para descrever os costumes e tradição de determinado grupo. Pettigrew (2000) aponta como principal objetivo deste método ver o mundo pelos dos olhos dos membros da cultura que se está pesquisando, além de explicar as atividades em que estes se engajam por períodos de tempo significativos.

A etnografia envolve, geralmente, a participação manifesta ou disfarçada do etnógrafo na atividade das pessoas por longo período de tempo. São tarefas do pesquisador, neste método: observar, ouvir, questionar, coletar qualquer dado que possa lançar luz nas questões que são foco da pesquisa. Na etnografia, o pesquisador realiza uma análise qualitativa, descreve e interpreta os padrões compartilhados e aprendidos de valores, comportamentos, crenças e linguagem, analisa e descreve as sociedades humanas, ou um grupo que compartilha uma mesma cultura (MARCONI; PRESSOTTO, 1992).

Cavedon (2005) é uma das pesquisadoras brasileiras mais consagradas no uso da etnografia nas suas pesquisas em administração. A autora define que a etnografia consiste em se esforçar para realizar uma pesquisa interpretativa, visando a uma composição que mostre a singularidade cultural de um determinado grupo ou subgrupos que vivem em sociedades diversas. Assim, fazer etnografia consiste em adquirir um sólido conhecimento teórico para então ir a campo e viver a realidade da comunidade pesquisada, fazendo anotações a respeito de tudo que é vivenciado nessa comunidade, desprovido de qualquer preconceito.

Focando nessas duas abordagens, esse estudo tem o objetivo de analisar as possibilidades e desafios do uso dos métodos de história oral e etnografia para pesquisas sobre Gestão do Ensino Superior.

Neste ensaio, é apresentada primeiramente, uma revisão da literatura acerca dos dois métodos abordados. Posteriormente, será levantada uma discussão sobre

possibilidades de aplicação desses métodos na Gestão do Ensino Superior, e fornecido propostas de aplicação de História Oral e Etnografia para essa área.

Do ponto de vista teórico, este ensaio se justifica pela verificação de que a maioria dos estudos realizados em Gestão do Ensino Superior são estudos qualitativos, mas no formato de estudo de caso. Defende-se neste ensaio teórico que tanto a história oral como a etnografia são métodos que permitem o resgate da informação e da própria constituição dos sujeitos colaboradores na pesquisa, a partir de seu lugar social e de suas relações e reações diante do fato narrado.

Como justificativa prática, este ensaio poderá ampliar as possibilidades de aplicações e usos de outros métodos qualitativos, até então pouco utilizados nos estudos sobre Gestão do Ensino Superior. Pretende-se apontar possibilidades, direcionamentos e temáticas apropriadas para a aplicação da etnografia e história oral na área de Gestão do Ensino Superior.

## **2 Revisão da Literatura**

### **2.1 História Oral**

A História Oral surgiu como uma nova forma de investigação que permitisse dar voz aos sujeitos que, apesar de fazerem a história, eram apenas contados e não possuíam o direito de contá-la (POLLAK, 1989). Baseia-se na ideia principal de contar a história que não constava nos documentos oficiais, explicar uma versão da história direcionada às minorias, visto que quem normalmente escreve a história oficial é a classe dominante.

Oliveira, Oliveira e Fabrício (2003) entendem que é um método que se concentra no sujeito e na sua história, contrário às características das narrativas da história clássica, fundamentada em datas cronológicas, nomes e fatos. A história oral é a história do tempo presente, pois enxerga o passado como algo que tem continuidade hoje, e cujo processo histórico não está acabado. O sentido do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral.

Com isso, a evocação da memória para a transmissão do vivido por meio das narrativas constitui a principal matéria de estudos da história oral (SILVA; BARROS, 2010). Entretanto, a memória presente nos relatos orais não é sinônimo de História Oral. A passagem daquela etapa para esta ocorre pela aplicação do método, como um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos (MEIHY, 2005).

Este método avançou significativamente nos Estados Unidos, no final da década de 60, com base no Oral History Program, da Columbia University (VERGARA, 2010). Já no Brasil, a introdução de estudos de história oral teve seu início na metade dos anos 70, pelo trabalho pioneiro do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Conforme Cunha e Cardôzo (2011), a história oral

foi introduzida no Brasil nos anos 1970, mas foi apenas na década de 1990 que se expandiu.

A História Oral rompe com a concepção do dado empírico proposto pela filosofia positivista, onde os dados são intocáveis, incapazes de serem interferidos pelo ambiente. A História Oral convida o pesquisador a participar do processo de reconstrução, classificando, codificando e interpretando o conteúdo relatado oralmente. O uso da história oral apresenta, portanto, duas subjetividades: a do pesquisador e a do narrador. Este método permite visualizar convergência e divergências de dois pontos de vista sobre a mesma história ou fato narrado: um circunstanciado pela teoria, outro permeado pela vivência empírica – envolvida pelos sentimentos e já embaralhada pelas interpretações particulares do fato (OLIVEIRA; OLIVEIRA; FABRÍCIO, 2003; CAVALCANTI, 2009).

É a partir da história oral que se determina um novo modo de construir o conhecimento e reconstituir a identidade e a história recente do grupo estudado, perante os processos sociais e o processo de globalização (VERGARA, 2010). Conforme aponta Thompson (2002, p. 337), “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. Assim, a história oral explora as relações entre memória e história, ela coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e redimensiona as relações entre passado e presente, ao perceber que o passado é construído segundo as necessidades do presente. De acordo com Meihy (1996), ao citar que a história oral é sempre uma história do tempo presente, reconhecida como história viva, visto que é a história contada por quem a vivenciou, e não está apenas baseada em documentos ou arquivos. Este método está comprometido com o resgate da informação, com a própria constituição do sujeito que presta a informação, com seu lugar social e com as relações e reações diante do fato relatado (ESQUINSANI, 2012).

Gomes e Santana (2010) destacam que a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Este olhar deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. Ainda que a memória esteja ancorada nas percepções individuais, ela remete a uma forma determinada de assimilar tais percepções: o grupo de pertencimento.

Os procedimentos para a realização da História Oral são: definir o problema de pesquisa; fazer uma revisão da literatura, a fim de obter o conhecimento teórico de determinado tema; preparar um roteiro de entrevista e selecionar os possíveis entrevistados. A entrevista é realizada, com abertura para o entrevistado explicitar suas emoções e discorrer abertamente sobre o fato. O pesquisador depois a transcreve e passa para o aval do entrevistado. Com o relato documentado em mãos, o pesquisador organiza os dados e confronta com a teoria que deu origem à investigação (VERGARA, 2010). Podemos afirmar que o procedimento fundamental da construção dos dados na história oral é a entrevista, pois é a partir dela que serão obtidas as informações, e será transcrita com a percepção do pesquisador.

Na fase da entrevista, devem ser observadas as questões éticas da história oral, o cuidado com a preservação das identidades das pessoas, autorização para o uso público das transcrições, dos depoimentos orais e das escritas autobiográficas (OLIVEIRA; OLIVEIRA; FABRÍCIO, 2003). Com a técnica de gravar o depoimento do entrevistado, e com um roteiro ligado aos objetivos da pesquisa, aos poucos é tecida uma relação intersubjetiva pelo acesso à relação do entrevistado com o mundo, com ele mesmo e com o outro (FERREIRA; DICKMAN, 2015). No momento da entrevista oral há particularidades que devem ser levadas em consideração para a elaboração do relatório final, tais como: as expressões faciais, gestos, timbre e tonalidade de voz, regularidade das pausas e até mesmo o silêncio. Inclusive, é prática do Programa de História Oral do CPDOC a condução das entrevistas por uma dupla de pesquisadores.

As entrevistas de história oral consistem em um processo de conversação entre o pesquisador e o narrador. O indivíduo é a fonte dos dados, mas não constitui o objeto do estudo. A matéria-prima para o trabalho do pesquisador é a narrativa do indivíduo entrevistado. É por meio dela que o pesquisador tenta apreender as relações sociais em que o fenômeno relatado e seu narrador estão inseridos (ICHIKAWA; SANTOS, 2006).

O momento da transcrição consiste na transformação do relato oral em forma escrita. Como a história oral recupera a voz de quem viveu e o significado construído por quem relata, o pesquisador tem o direito de recortar aquilo que pensa não ser interessante para o tema em questão. A importância da transcrição, para Portelli (1996, p. 27), incide no momento em que “transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação”. Nesse momento da pesquisa, há uma divergência entre alguns autores, sobre como realizar a transcrição. Meihy (1996) afirma que a entrevista deve ser editada, e a interferência do pesquisador deve ficar clara, em razão da melhoria do texto. Segundo esse autor, primeiramente deve ser realizada uma transcrição literal. Posteriormente, uma textualização e transcrição, ou seja, com edições no texto, para que este fique mais agradável ao leitor. Entretanto, Ichikawa e Santos (2006) acreditam que há maneiras de editar o relato; é suficiente trabalhar com transcrições completas, com menções às interrupções ou outros eventos, sem criar algo que não constava na entrevista oral.

Quanto aos problemas apontados neste método qualitativo, Thompson (2002) apresenta dois pontos a se considerar: o primeiro problema estaria voltado para a falta de problematização e discussão dos dados obtidos, que serviriam apenas como dados armazenados ou até expostos, sem a pretensão de construção de uma análise mais apurada. Algo sem um objetivo definido, que chegue a algum lugar. O segundo problema se fundamenta na construção de verdades ou tradições, de uma história necessária, que não existe ou não se pode comprovar. Mas que se necessita dela para a construção de afirmações importantes, seja para quem a transcreve, seja para quem a relata. Porém, esta opinião apresentada pode ser atribuída também a outros tipos de métodos qualitativos. Como solução, é sempre interessante lembrar que o pesquisador precisa primeiramente definir o seu objetivo de pesquisa, para então ir a campo. E com base neste objetivo, deve primeiro buscar um embasamento teórico, para saber como abordar a fonte. E também, principalmente nas pesquisas



qualitativas, não existe uma única “verdade”, e sim, caminhos e possibilidades para aquele momento, naquela situação.

## 2.2 Etnografia

Embora comumente associadas, observação participante e etnografia não devem ser confundidas. A primeira é uma técnica, enquanto que a Etnografia é um método, onde ambos compartilham pontos em comum, como a atuação do pesquisador junto ao grupo estudado, de forma que se permita um maior acesso a determinadas informações úteis à pesquisa. Esse método é conhecido pela utilização de técnicas de observação, que consiste em ingressar em determinado grupo social ou organização e observar, participando ou não, das atividades desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa (TURETA; ALCADIPANI, 2011).

O método da Etnografia foi desenvolvido no campo da antropologia, com a intenção de gerar conhecimento em relação a grupos de pessoas, inicialmente com foco em grupos exóticos e primitivos. Com o passar do tempo, seu uso foi ampliado para outras disciplinas, mantendo-se a intenção de compreender o comportamento de grupo (GOULDING, 2002). Para Creswell (2014), a etnografia é apropriada se a intenção for descrever como funciona um grupo cultural, se o objetivo for explorar suas crenças, linguagem, os comportamentos e as questões enfrentadas pelo grupo, como poder, resistência e dominação. Na área da Administração, a Etnografia é bastante utilizada para abordar a cultura organizacional, para ingressar em determinada organização e observar, participando ou não, as atividades desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa (TURETA; ALCADIPANI, 2011).

Com relação à ampliação para outras disciplinas, é interessante observar uma quebra do positivismo na pesquisa em Administração. Isso porque enquanto o positivismo acredita que o pesquisador deve ser neutro e não pode interferir no resultado de sua pesquisa, na etnografia a percepção do pesquisador é considerada. Cavedon (2005) afirma que o pesquisador da área da Administração costuma privilegiar o uso do impessoal, resiste em usar a primeira pessoa do singular em seus trabalhos, ao contrário do antropólogo. Porém, na Etnografia, o sentimento do pesquisador faz parte dos dados. A questão da subjetividade nas pesquisas etnográficas já foi discutida como um instrumento positivo do conhecimento, e deixa de conceber as informações coletadas como forma objetiva e independente dos atores em questão (CARDÔZO, 1986; FERRAZ, 2011). As palavras na escrita etnográfica não podem ser consideradas como a legítima declaração sobre uma dada realidade, mas como uma linguagem atravessada por várias subjetividades e decorrente de contextos específicos.

Assim como na História Oral, antes de ir a campo, o pesquisador deve se preparar com uma sólida bagagem teórica. No momento da coleta de dados, Lourenço, Ferreiro e Rosa (2008) afirmam que a observação do contexto social estudado é fundamental dentro da pesquisa etnográfica. Isto porque os informantes não têm necessariamente, em sua consciência, as razões culturais que explicam seus comportamentos. Por isso, é importante que o pesquisador passe um tempo junto à comunidade, participe de todos os eventos, para compreender aos poucos o sentido da vida dos pesquisados, para descobrir os valores inconscientes e não revelados durante as entrevistas. Esse



período de tempo que o pesquisador permanece em contato direto com a situação estudada pode variar muito, desde algumas semanas até vários anos (ANDRÉ, 2008).

Na etnografia, ao entrar em campo e conviver com o grupo a ser pesquisado, o pesquisador deve desprover-se de qualquer preconceito, para que seja visto como um igual no grupo, e para que sua pesquisa tenha mais confiabilidade. É preciso ouvir com atenção, olhar com acuidade, sentir os odores, perguntar, mas também saber o momento de calar, acompanhar o tempo dos informantes. Cabe lembrar que na Etnografia não há a pretensão de mudar o ambiente. Pelo contrário, as pessoas e situações são observadas em sua manifestação natural (ANDRÉ, 2008). Inserido no ambiente, e observando como as pessoas interagem, é recomendado ao pesquisador que tome nota em um diário de campo para o relato de todas as emoções, falas, situações vividas no cotidiano do grupo estudado pelo pesquisador. Este diário de campo configura-se como o principal instrumento no qual são registradas as vivências dia após dia e as impressões pessoais do etnógrafo (CAVEDON, 2005).

Em verdade, a etnografia não é o trabalho de campo em si, mas aquilo que é escrito sobre o trabalho de campo. Ao anotar o discurso social, o etnógrafo transforma o acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. O pesquisador organiza um diário dos eventos e atividades ocorridos durante o seu tempo de permanência no campo, e assim, os dados primários são obtidos a partir das transcrições das entrevistas e do registro das observações (GODOY, 1995). Uma característica da etnografia é a preocupação com a maneira própria pela qual as pessoas enxergam a si mesmas, observam as suas experiências e o mundo que as cerca.

A partir das muitas fontes coletadas e anotadas em seu diário de campo, o etnógrafo analisa os dados para uma descrição do grupo que compartilha a cultura, os temas que emergem do grupo e uma interpretação global. O produto final revela um retrato cultural do grupo, que incorpora as visões dos participantes, além da visão do pesquisador (CRESWELL, 2014).

Como algumas limitações da Etnografia, é possível ressaltar que assim como outros estudos qualitativos, as análises resultantes da pesquisa etnográfica são subjetivas e parciais. Sua análise é válida para um grupo específico, leva a uma única interpretação do fenômeno estudado (Pettigrew, 2000). Isto porque no resultado da pesquisa há um carregamento forte da percepção do pesquisador, que já traz consigo seus preconceitos, opiniões e bagagem cultural. Assim como no Estudo de caso ou na História Oral, a Etnografia também apresenta resultados específicos para o grupo analisado. Desta forma, não há a possibilidade de generalizar o resultado. Até porque a cultura, sensações e vivências são particulares de cada comunidade, de acordo com o ambiente em que se vive.

Há, ainda, um outro ponto que não pode ser ignorado pelo etnógrafo. Trata-se da sensibilidade e da empatia que devem ser estabelecidas entre pesquisador e informantes. Boa parte dos resultados da pesquisa dependem da postura do pesquisador no campo. A riqueza ou pobreza dos dados coletados sofre uma influência muito grande desses aspectos tipicamente humanos (CAVEDON, 2005).

Cabe aqui também citar um método de pesquisa derivado da Etnografia. A Etnografia Virtual, também conhecida como netnografia ou etnografia on-line (MONTARDO; PASSERINO, 2006; AMARAL, 2009; PIENIZ, 2009; MERCADO, 2012). Esta é uma técnica relativamente nova, que surgiu por volta de 2000, e tem a internet como fonte de informação para pesquisas. Neste caso, há a possibilidade de um estudo detalhado das relações criadas e vividas em espaços virtuais, a partir da escrita ou imagem (MERCADO, 2012). Com isso, as informações do grupo virtual estão on-line, num grupo aberto, ou seja, todos podem acessar essas informações. Não é o objeto de estudo desse trabalho, todavia, se apresenta como uma oportunidade e facilitadora do método, no sentido de facilitar a viabilidade para pesquisadores que se interessam por temas relacionados.

### 2.3 Discussão sobre possibilidades de aplicação dos métodos de etnografia e história oral na Gestão do Ensino Superior

Após a apresentação dos métodos de História Oral e Etnografia, seria possível trazê-los para o campo da Administração, mais especificamente para a área de Gestão do Ensino Superior? Neste estudo, realizou-se buscas nas principais bases de dados de artigos científicos mundiais da área de Administração, os portais Web of Science e Scopus. Buscou-se artigos com as palavras-chave: Oral history AND higher education, ethnography AND higher education, case study AND higher education, para o período dos últimos 05 anos (de 2013 a 2017). Neste trabalho, foram encontrados os seguintes resultados, demonstrados nas tabelas 1 e 2:

**Tabela 1: Quantidade de artigos relacionados ao tema História Oral e Ensino Superior no quinquênio 2013-2017**

	Base <i>Scopus</i>	Base <i>Web of Science</i>
2013	03	
2014	03	
2015	01	01
2016	02	04
2017	03	03
Total no período	12	08

Fonte: Elaboração própria.

No período recente, de 2013 a 2017, a História Oral foi utilizada como metodologia em 12 artigos envolvendo Ensino Superior, segundo a base de dados Scopus, e em 08 artigos, segundo a base de dados Web of Science.

**Tabela 2: Quantidade de artigos relacionados ao tema Etnografia e Ensino Superior no quinquênio 2013-2017**

	Base <i>Scopus</i>	Base <i>Web of Science</i>
2013	19	12
2014	21	14
2015	19	16
2016	25	25
2017	17	20
Total no período	101	87

Fonte: Elaboração própria.

No mesmo período analisado, buscou-se também como a Etnografia foi utilizada em pesquisas envolvendo Ensino Superior. Como resultado, nesta pesquisa foram encontrados 101 artigos na base de dados Scopus, e 87 artigos na base de dados Web of Science. Esse método demonstra já ter maior aceitação que a História Oral nas pesquisas do campo de Administração, na Gestão do Ensino Superior.

A fim de fazer um comparativo e verificar a afirmação de que os estudos qualitativos são crescentes no campo científico da Administração, em grande parte devido aos estudos de caso e multicase, foi então pesquisado também a quantidade de artigos que utilizaram o método de estudo de caso, focado no Ensino Superior, no mesmo período analisado: 2013 a 2017. O resultado da pesquisa é demonstrado na tabela 3:

**Tabela 3: Quantidade de artigos relacionados ao tema Estudo de Caso e Ensino Superior no quinquênio 2013-2017**

	Base <i>Scopus</i>	Base <i>Web of Science</i>
2013	412	157
2014	450	147
2015	417	291
2016	485	385
2017	303	210
Total no período	2.067	1.190

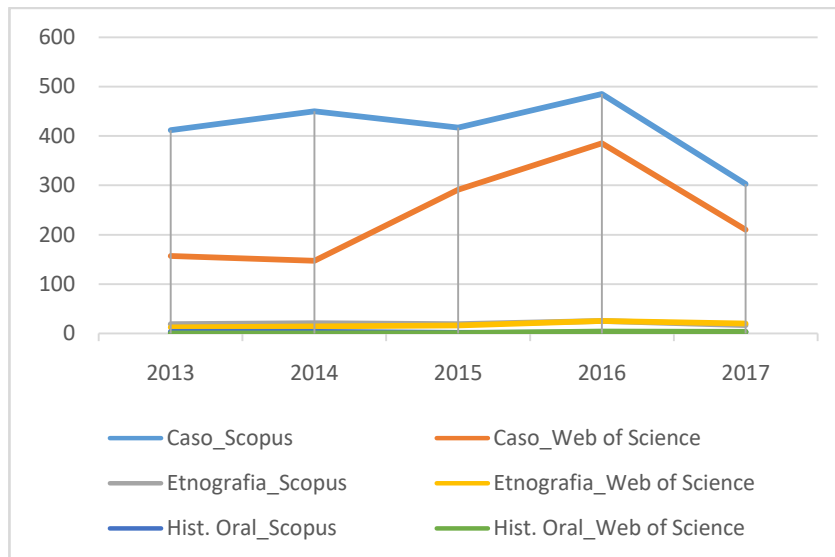
Fonte: Elaboração própria.

Como resultado, encontramos o discrepante número de 2.067 artigos na base de dados Scopus, e 1.190 artigos na base de dados Web of Science – corroborando a ideia de que os pesquisadores da Administração fazem estudos qualitativos, principalmente utilizando o método do estudo de caso.

No gráfico 1 é possível verificar que nos últimos anos há uma enorme quantidade de estudos de caso realizados nas pesquisas sobre gestão do Ensino Superior, em relação a aplicações dos métodos de história oral e etnografia. Uma forma de visualizar este gráfico seria interpretar que há realmente a possibilidade de que a maior parte dos problemas de pesquisa nesta área sejam solucionados com o método de caso. Uma

outra forma de pensar esta mesma questão seria a identificação de grandes oportunidades de pesquisas com aplicações de etnografia ou história oral, para gerar novas pesquisas, novas informações, novas constatações científicas.

**Gráfico 1: Série temporal das pesquisas da área de gestão do ensino superior publicadas com uso de etnografia e história oral.**



Fonte: Elaboração própria.

Ao realizar esta mesma pesquisa, com as mesmas palavras-chave, porém na principal base de dados latina americana, a Redalyc, foi possível encontrar as seguintes informações para o período: 113 artigos relacionando História Oral com Ensino Superior, 167 relacionando Etnografia com Ensino Superior, e 1.638 trabalhos relacionando Estudos de caso com Ensino Superior.

Com essas informações, é possível perceber que há poucos trabalhos sobre História Oral e Etnografia aplicados na Gestão do Ensino Superior, tanto no Brasil quanto a nível mundial. Neste sentido, o objetivo desta seção é apresentar sugestões de aplicação desses métodos na área de Gestão do Ensino Superior.

Horne (2014), por exemplo, buscou enxergar uma outra história sobre o surgimento da Universidade Pública Australiana. Para isso, a autora utilizou o método da História Oral. O intuito era de não se ater apenas aos documentos sobre a fundação da universidade, mas entender como os alunos, acadêmicos, pesquisadores, filantropos, órgão de governo da universidade, foram personagens importantes na criação e desenvolvimento da primeira universidade australiana. A autora ouviu esses personagens e a partir de seus relatos, chegou a uma nova versão da história. Ela examinou os desafios metodológicos para a análise histórica, e conseguiu reunir estas diferentes abordagens e pontos de vista. A contribuição da História Oral ocorreu no sentido de melhor compreender o documento escrito e oral, numa coexistência de versões. O método permitiu o acesso a uma significação do mundo vivido e à subjetividade a partir da memória, uma vez que os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva são fenômenos inscritos na sociedade (FERREIRA; DICKMAN, 2015).

Outra pesquisa na área de Gestão Universitária que aplicou o método de história oral, visando analisar a história da universidade por meio das lentes de quem a viveu, foi realizado por Bittencourt Almeida e Lima (2016). A pesquisa foi realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os autores focaram na década de 1980, e analisaram o processo de guinada empreendido na Faculdade. Para isso, os autores entrevistaram professores e funcionários que fizeram parte desta época, e estes deram seu testemunho de como a história aconteceu. Os resultados desta pesquisa apontaram um grande índice de pertencimento à Instituição, considerando-a como uma segunda casa. Nesse sentido, o trabalho se mostrou importante por documentar e registrar memórias, para que essas não sejam perdidas no decorrer dos anos.

Ao permitir ouvir todos os personagens que ajudam a construir a História, o método da História Oral tem um impacto positivo sobre as pessoas, além de valorizá-las e motivá-las, pois elas percebem que a sua percepção a respeito de determinado assunto possui valor. É o que demonstraram os autores Lattimer e Kelly (2013), ao entrevistarem alunos de uma escola secundária do Quênia sobre a utilização de pedagogias emancipatórias. Essas ações tiveram um impacto significativo sobre a relação de ensino e aprendizagem. E o método de História Oral permite esta análise do impacto transformador sobre alunos e professores. Isto porque os resultados não estão restritos apenas a números de relatórios e documentos. Eles são demonstrados e comprovados pelas entrevistas e por toda carga emocional que uma conversa traz consigo. Professores e alunos puderam demonstrar o seu ponto de vista, e isto enriqueceu o trabalho, trouxe grandeza aos resultados observados. Como aborda Cavalcanti (2009), a história oral tem um potencial de dar voz a grupos historicamente marginalizados que hoje têm a possibilidade de construir sua própria memória coletiva.

Como a História Oral é adequada para ouvir o relato das minorias, muitos trabalhos que envolvem a Gestão do Ensino Superior utilizam esse método para compreender particularidades de grupos que estão à margem da história. Troutman (2017), por exemplo, abordou a história de estudantes universitárias do sexo feminino negras, que frequentam uma Instituição de Ensino Superior em Kentucky (EUA). Baseando-se em entrevistas e discussões de grupo, a pesquisa buscou levantar a história de vida deste grupo, e demonstrou como a família e comunidade em que estão inseridas influenciaram no crescimento e desenvolvimento dessas mulheres.

Na educação, a modalidade de história oral de vida, buscando as experiências e trajetórias de professores, tem sido bastante empregada (CUNHA; CARDOSO, 2011). Isso pode ser observado no trabalho de Vieira e Neira (2016), que analisaram a identidade de professores de determinada área (Educação Física), verificando como a história de vida de cada um influencia em seu trabalho de produção da educação. O estudo permitiu enxergar os problemas que atingem o trabalho desses professores, que não se resumem apenas ao que se passa dentro da sala de aula, mas engloba suas expectativas, vivência e experiências passadas.

A Etnografia também traz estudos envolvendo a Universidade, alunos e professores. Este método pode ser utilizado para entender um grupo como professores específicos de uma área, por exemplo. No estudo de Robinson e Shumar

(2014), foram abordadas as práticas dos educadores de empreendedorismo em um instituto de ensino superior da Dinamarca. Por se tratar de uma área relativamente nova e em expansão, os autores realizaram uma análise sobre o que os professores realmente expõem em sala de aula, comparado ao que eles se propõem a ensinar. Essa análise, por ser presencial e em contato direto com a comunidade observada, foi realizada por meio da Etnografia.

A abordagem etnográfica se faz presente também no trabalho de Schweig (2015). Porém, dessa vez, está voltado aos alunos de determinada disciplina. Ao levantar o assunto da disciplina de Sociologia de volta ao currículo obrigatório do Ensino Médio, no ano de 2006, realizou uma pesquisa etnográfica em duas escolas da região metropolitana de Porto Alegre (RS), junto aos alunos dos três anos do Ensino Médio. De modo a situar a produção do saber sociológico a partir do espaço da escola, e não desde uma perspectiva normativa externa a ela, optou-se pela etnografia. Dessa mesma forma, também pode ser aplicada a Etnografia em disciplinas e cursos universitários, a fim de rever currículos, verificar se eles estão cumprindo com o seu papel ou se na prática a realidade é divergente.

O estudo de Cicalo (2013) utilizou a etnografia para abordar a implantação de cotas para estudantes negros em uma Universidade brasileira. O pesquisador realizou um trabalho de campo com estudantes dos primeiros anos da faculdade, e foi reduzindo seu grupo para apenas cotistas, e por último, cotistas do sexo feminino. O autor sustenta que as cotas diversificam os espaços da Universidade, por tradição, elitistas, e aumentam as oportunidades de mobilidade social dos estudantes de classe baixa. É interessante observar que o resultado dessa pesquisa é baseado na experiência do autor junto aos “favorecidos” por essa política de cotas. Trouxe, assim, uma visão de quem é diretamente influenciado por essa medida inclusiva. Isso é algo que a etnografia contempla, pois traz o pesquisador para junto do grupo estudado, e gera um relatório baseado na vivência desse povo. O estudo de Cicalo (2013) também demonstra que o método etnográfico não necessariamente se baseia na história, mas pode e deve ser utilizado igualmente, para abordar assuntos atuais, como é o caso das cotas em vestibulares.

Outro assunto atual, na realidade brasileira, é o ProUNI (Programa Universidade Para Todos, do Governo Federal). As autoras Ribeiro e Guzzo (2017) realizaram uma pesquisa com o método etnográfico, com o objetivo de verificar a consciência dos estudantes prounistas sobre sua inserção no Ensino Superior. Segundo as autoras, há um preconceito vigente nas universidades, com relação a estes alunos. As técnicas para busca de dados foram os diários de campo das reuniões presenciais, e etnografia virtual de um grupo virtual de prounistas.

Cortés e Dietz (2015) utilizaram a etnografia para estudar a universidade intercultural, uma nova modalidade institucional de ensino superior no México. Essa modalidade busca incluir estudantes de regiões indígenas que tenham sido excluídos da educação superior formal. Com o uso do método etnográfico, os autores tiraram conclusões a respeito do caráter “intercultural” desta nova instituição de educação. Unem nesse estudo, um grupo específico – indígenas, com sua cultura e particularidades – e abordam uma nova forma de gestão do ensino superior, com a inclusão dos indígenas nesse meio.

Relacionado também à inserção de diferentes raças na vida universitária, está o artigo de Kamsteeg e Wels (2017). Entretanto, nesse estudo, os autores fizeram uma autoetnografia. Isto se justifica porque foram eles os agentes observados e a fonte de dados da pesquisa, e eles fazem parte do grupo social analisado. O estudo levanta a questão ainda presente do apartheid em instituições de ensino superior na África do Sul, e demonstra uma sociedade sul-africana ainda segregada. Com o exemplo desses dois últimos estudos, é demonstrada a importância da Etnografia como também uma maneira de expor problemas ou contextos da vida cotidiana de populações que estão à margem da sociedade. Essa inclusão de grupos deve estar fortemente ligada à Gestão do Ensino Superior, visto que a universidade é o local de compartilhamento do conhecimento, onde todos têm o direito de aprender, de serem ouvidos, e se sentirem parte de um todo maior. A Etnografia ajudar a demonstrar a cultura de cada grupo, porém com a intenção de enaltecer e aprender com as diferenças.

Foram encontrados também outros estudos internacionais com uso da etnografia, que focaram em grupos específicos de alunos, de acordo com a instituição a que pertencem. O papel dos acadêmicos da paz, da Organização das Nações Unidas (ONU), no ensino da paz dentro do sistema de ensino superior da ONU, foi tema da pesquisa de Kester (2017). O estudo baseou-se em dados etnográficos coletados em um período de seis meses em uma universidade da ONU, no ano de 2015, e teve o objetivo de verificar a contribuição da educação da ONU para a construção da paz.

Com o desenvolvimento da tecnologia digital, a netnografia vem ganhando espaço nos estudos etnográficos. É o caso do trabalho de Klemencic, Znidarsic, Vavpetic e Martinc (2017), que faz uso da etnografia virtual. Os autores levantaram dados de alunos que fazem parte do programa Erasmus, um dos principais programas de mobilidade internacional da União Européia. A intenção do estudo permitiu refletir e registrar a experiência vivida pelos alunos selecionados pelo Erasmus ao redor do mundo.

## **5 Considerações finais**

Tanto a história oral, quanto a etnografia, são um campo aberto à produção do conhecimento sobre diferenças. A história oral, por meio de entrevistas com quem viveu a história, mas não consta nos registros oficiais e formais. E a etnografia, com a observação e inserção do pesquisador junto a grupos com diferentes realidades, fazem com que esses métodos tragam para a comunidade científica, o registro de diferenças até então ignoradas.

A Gestão do Ensino Superior é um ramo da Administração caracterizado pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida de pessoas nas decisões sobre a orientação e planejamento do trabalho acadêmico. A universidade é, na sua essência, um local aberto a todos os povos que desejam compartilhar conhecimento e enriquecer sua cultura.

O presente estudo trouxe uma reflexão sobre possibilidades para a utilização da História Oral e da Etnografia no campo da Gestão do Ensino Superior. Embora esses métodos ainda sejam muito aplicados aos campos da Antropologia e Sociologia, são poucas as aplicações nestes métodos na área de Administração. Mas é possível



observar um crescimento destes métodos na área da Administração, junto com o crescimento das pesquisas qualitativas.

Nesta pesquisa foram apresentadas várias possibilidades de aplicações dos métodos de etnografia e história oral em pesquisas de Gestão do Ensino Superior. Foram encontradas e apresentadas pesquisas internacionais e nacionais recentes que aplicaram estes métodos, para entender a posição e desenvolvimento de grupos específicos dentro das universidades.

Esses métodos estudados foram utilizados no campo da universidade em si, de professores, e de alunos. O objetivo desses estudos foi principalmente o de levantar diferenças existentes entre o grupo estudado e a realidade conhecida. A História Oral valorizou estudantes que fazem parte de minorias, professores e funcionários que ajudaram a transformar uma universidade, dentre outros casos, mas que têm em seu fundamento, a valorização dessas pessoas e do que elas viveram.

Verificou-se nos trabalhos que aplicaram o método de História Oral, uma riqueza de informações sobre a trajetória de vida toda dos entrevistados. Além disso, de acordo com os relatos analisados, quem é selecionado para ser entrevistado, e conta sobre sua participação na história, sente-se valorizado por ser ouvido, já que até então sua percepção acerca do fato não era levada em conta. O resultado de um trabalho envolvendo a história oral é a documentação para futuras gerações, de uma história que se não fosse ouvida no momento presente, poderia se perder no passado.

Os trabalhos recentes que foram analisados e que aplicaram a Etnografia em Gestão do Ensino Superior, se voltam principalmente ao estudo de grupos de alunos que cursam um mesmo curso ou disciplina, ou então de uma categoria de professores determinada. Por meio desses estudos é possível identificar se o ensino está sendo aplicado da maneira esperada, e retorna os efeitos desejados. Também foram abordados estudos que trouxeram grupos específicos, como os índios ou os negros, para as universidades.

Como proposta para futuros estudos de Gestão do Ensino Superior, vê-se a possibilidade de utilizar a História Oral para abordar questões como o surgimento das universidades no Brasil, visto que elas ainda são recentes (se comparadas a instituições internacionais) e há pessoas que vivenciaram, que podem colaborar com esse trabalho. Sugere-se a realização de um levantamento a respeito de egressos, com a sua visão de mundo atual acerca da universidade estudada. Estudos poderiam analisar o quanto uma sociedade e também, a sua universidade, evoluem com o passar do tempo. Seria possível constatar, por exemplo, que a visão de hoje é diferente da visão que o egresso tinha ao entrar na universidade. Esses temas de transformação universitária vêm ao encontro da Gestão do Ensino Superior, pois trazem caminhos percorridos que podem ajudar o gestor a se embasar para definir perspectivas futuras. Valorizando e conhecendo a sua história, a universidade possui resguardo para traçar metas e objetivos. O método de história de vida permitiria a concretização de um registro permanente, que se projeta para o futuro, e que outros poderiam utilizar como fonte de informação.

A questão da diversidade social, inclusão, cotas, são assuntos recentes e recorrentes no meio universitário. Todos eles podem ser abordados com o uso de estudos

etnográficos, a fim de conhecer a particularidade de cada grupo. Não para segmentar, mas para valorizá-los, buscando um crescimento da instituição como um todo. O gestor do Ensino Superior também pode conviver com professores de diferentes áreas, pois muitas vezes o que está em um regimento ou normas institucionais a serem seguidas, não é totalmente aplicável dentro da sala de aula. Estar próximo à realidade, para compreendê-la e poder propor melhorias, são elementos essenciais para o gestor universitário. Estudos que abordem esse estudo presente, como a Etnografia, são de especial colaboração para esse crescimento.

Por fim, esse ensaio buscou na explanação dos métodos de História Oral e Etnografia, a valorização da diversidade social e o reforço do caráter democrático. Foram apresentados neste estudo caminhos para a utilização desses métodos de pesquisa qualitativa em estudos relacionados à Gestão do Ensino Superior. Constatou-se que há um grande campo de possibilidades para aplicação e crescimento da etnografia e história de vida em pesquisas de Gestão Universitária. E isto vale também para toda a área de Administração, visto que a Administração é uma ciência social, feita por pessoas, e esses métodos valorizam justamente as pessoas e suas relações com o ambiente.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador insider nas subculturas da web. *Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos*, v. 11, n. 1, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. 14ª Ed. Campinas: Papyrus, 2008.

ALMEIDA, Doris Bittencourt; LIMA, Valeska Alessandra. Um Lugar Memorável: a Faculdade da Educação/UFRGS, entre afetos e trabalho (1970-2016). *Educação & Realidade*, v. 41, n. 1, p. 1347-1370, 2016.

MEIHY, J. C. S. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

CARDOSO, R. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CAVALCANTI, Mariana. Sobre alguns usos emergentes da história oral nos Estados Unidos: o caso do furacão Katrina. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v. 22, n. 43, 2009.

CAVEDON, Neusa Rolita. Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não ditos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, v. 12, n. 35, p. 13-27, 2005.

CICALO, André. Race and affirmative action: the implementation of quotas for “black” students in a Brazilian University. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, Enero-Junio, v. 1, n. 16, 2013.

CORTÉS, L. S. M.; DIETZ, G. How Intercultural is an “Intercultural University”? Some lessons from Veracruz, Mexico. *Revista Lusófona de Educação*, v. 31, n. 31, 2015.

CRESWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNHA, Jorge Luiz; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores. *Educar em Revista*, v. 1, n. 42, 2011.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, 2012.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva. *Processos decisórios e aspectos simbólicos: um estudo das culturas organizacionais da Feira do Livro de Porto Alegre*. Organizações & Sociedade, v. 18, n. 56, 2011.

FERREIRA, Amauri Carlos; DICKMAN, Adriana Gomes. História Oral: um Método para Investigar o Ensino de Física para Estudantes Cegos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 21, n. 2, 2015.

FREITAS, S. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. A pesquisa qualitativa e sua utilização em Administração de Empresas. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 4, 1995.

GOMES, Almiraiva Ferraz; SANTANA, Wesley Gusmão Piau. A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 8, n. 1, 2010.

GOULDING, C. *Grounded theory: a practical guide for management, business and market researchers*. London: Sage, 2002.

HORNE, J. Looking from the inside out: Rethinking university history. *Journal of Educational Administration and History*, v. 46, n. 2, 2014.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais. Em C. K. Godoi, R. Bandeira de Mello, & A. B. Silva, *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

KAMSTEEG, F., WELS, H. Breaking white silences in South African-Dutch collaboration in higher education: Auto-ethnographic reflections of two “university clones”. *Journal of Organizational Ethnography*, v. 6, n. 1, 2017.

KESTER, K. The contribution (or not) of UN higher education to peacebuilding: an ethnographic account. *Globalisation Societies and Education*, v. 15, n. 4, 2017.

KLEMENČIČ, M.; ŽNIDARŠIČ, M.; VAVPETIČ, A.; MARTINC, M. Erasmus students' involvement in quality enhancement of Erasmus+ mobility through digital ethnography and ErasmusShouts. *Studies in Higher Education*, v. 42, n. 5, 2017.

LATTIMER, Heather, KELLY, Maria. Engaging Kenyan secondary students in an Oral History Project: Education as emancipation. *International Journal of Educational Development*, v. 33, n. 5, 2013.

LOURENÇO, C. D. S.; FERREIRA, P. A.; ROSA, A. R. Etnografia e grounded theory na pesquisa de marketing de relacionamento no mercado consumidor: uma proposta metodológica. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, v. 9, n. 4, 2008.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO O, Z. M. N. *Antropologia: uma introdução*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. *História oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MERCADO, L. P. Coleta de dados na pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. *Memorias Virtual Educa, México*, 2012.

MONTARDO, S.; PASSERINO, L. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 4, n. 2, 2006.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de; OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. *Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia*. *Educar em Revista*, (spe), 2003.

PETTIGREW, S. F. Ethnography and grounded theory: a happy marriage? *Advances in Consumer Research*, v. 27, n. 1, 2000.

PIENIZ, M. Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. *Revista Elementa. Comunicação e Cultura*, v. 1, n. 2, 2009.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, São Paulo, v. 1, n. 3, 1989.

PORTELLI, A. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo 2 - Revista do Departamento de História*, v. 1, n. 2, 1996.

RIBEIRO, F. M.; GUZZO, R. S. L. Consciência de Estudantes Prounistas sobre sua Inserção no Ensino Superior. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, n. 2, 2017.

ROBINSON, S.; SHUMAR, W. Ethnographic evaluation of entrepreneurship education in higher education: A methodological conceptualization. *International Journal of Management Education*, v. 12, n. 3, 2014.

SCHWEIG, Grazielle Ramos. *Antropologia da Ciência e Educação: reflexões sobre a Sociologia no Ensino Médio sob o idioma da coprodução*. *Educação Unisinos*, v. 19, n. 3, 2015.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 21, n. 1, 2010.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TROUTMAN, S. Fabulachia: urban, black female experiences and higher education in Appalachia. *Race Ethnicity and Education*, v. 20, n. 2, 2017.

TURETA, César; ALCADIPANI, Rafael. Entre o observador e o integrante da escola de samba: os não-humanos e as transformações durante uma pesquisa de campo. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 2, 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em Administração*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VIEIRA, R. A. G.; NEIRA, M. G. Identidade Docente no Ensino Superior de Educação Física: Aspectos Epistemológicos e Substantivos da Mercantilização Educacional. *Revista de Educação Física da UFRGS*, v. 22, n. 3, 2016.